

o uso da escala de Gäffky é corrente e commum. Depois da segunda visita o médico é quem fixa a data da visita ulterior, e assim successivamente; o doente nada tem com isso. E, quando tal succeda, o doente deve dar-se por contente; o doente que mais aproveita em Davos, sabendo obedecer, porque é aquelle que para lá foi quando devia, é o que nunca se vê forçado a mandar chamar o médico, mas apenas a encontrar-se com este quando elle o determina. Às vezes até o médico não o visita, manda-o ir ao seu consultório, e é lá que o examina; magnifico signal, esse; outro tanto não direi se o doente frequenta o consultório em busca de curativo para alguma lesão que exija intervenções manuaes.

Os consultórios de todos os médicos de Davos vam aqui indicados; e a minha indicação obedece ao preceito de elucidar os doentes, que, sendo porventura clientes dum médico qualquer, queiram ouvir a opinião doutro; nenhum inconveniente ha nisso; por outro lado, em Davos, ha alguns clinicos mais práticos em certos assumptos, e, quando o doente queira aproveitar a circunstância, convém-lhe conhecê-la.

DR. W. BEELI. Casa Belfort. — Consulta diária, menos aos domingos, das 11 horas da manhã á 1 da tarde.

DR. FLORIAN BUOL. Villa Buol. — Consulta diária, menos aos domingos e dias santificados, das 2 ás 3 horas da tarde.

- DR. TH. HEUSSER.** Villa **Letta.** — Consulta diária, menos aos domingos, das 11 da manhã á 1 hora da tarde.
- DR. W. HUGGARD.** **Schweizerhaus.** — Consulta diária das 10 ás 11 horas da manhã.
- DR. O. PETERS.** Casa **Richter,** por cima da typographia **Richter.** — Consulta diária, das 3 ás 4 horas da tarde.
- DR. C. PRADELLA.** Chalet **Edelweiss.** — Especialista de doenças das fossas nasais e da garganta. Consulta diária, menos aos domingos, das 11 horas ás 12 da manhã e das 4 ás 5 da tarde.
- DR. W. SCHIBLER.** Casa **Beeli.** — Gabinete de medicina operatória. Consulta diária, das 11 horas ás 12 da manhã.
- DR. ANT. SCHNÖLLER.** Villa **Fortuna.** — Consulta diária, menos aos domingos e dias santificados, das 10 horas ás 12 da manhã.
- DR. LUCIUS SPENGLER.** Casa **Valaer.** — Magníficas installações para exames de larynge. Consulta diária, menos aos domingos, das 11 da manhã á 1 hora da tarde.

**Dr. CARL SPENGLER.** Casa **Spengler**.—Consulta diária das 11  
às 12 horas da manhã.

Extraordinariamente, com alguma diligência e mediante a intervenção dum amigo commum, pode-se, ás vezes, conseguir uma consulta do conselheiro **TURBAN**.

A clínica dentária de **Davos** está toda entregue aos

**Dr. P. A. TÄUBER.** Casa **Täuber**. —Consulta diária das  
8 ás 9 horas da  
manhã, e das 5  
às 6 da tarde.

**Dr. LYMAN C. BRYAN.** Villa **Ruheleben**.—Consulta diária das  
3 horas da tarde  
por diante.

\*

Uma coisa curiosa, que pode á primeira vista surprehender os doentes, é que, em cada visita ou consulta, em que o médico receite, o doente só excepcionalmente comprehenderá a receita.

Os médicos em **Davos** receitam todos em latim, e num tal systema de abreviaturas, que é quasi impossivel comprehendê-los.

Fornecem ao doente todos os esclarecimentos necessários sobre a fôrma como ham de tomar a poção, ou as pilulas, ou os pós que lhe recitáram; mas o que contém essa poção, ou essas

pilulas, ou de que sam constituídos esses pós, é que não dizem; nem palavra.

O doente vai apressado lèr a receita, mas fica na mesma, sem perceber uma linha. O seu papel limita-se a fazê-la aviar e tomar o que viér como o médico mandou.

Para aviar a receita o doente tem em **DAVOS** á sua disposição duas grandes pharmácias. Ambas situadas na estrada central, sam ambas dois estabelecimentos completos e perfeitos, com magníficos laboratórios, com magníficos sortidos de drogas chymicas, de instrumentos cirúrgicos, de apparatus, etc.; tẽem tudo, como se costuma dizer, e tudo vendem por preços elevados.

Uma, a pharmácia **Hausmann**, dirigida pelo sr. **C. FR. HAUSMANN**, é filial da **HECHTAPOTHEKE** de **S.<sup>t</sup> GALLEN**; outra, menos luxuosa, é a Velha Pharmácia de **DAVOS**, dirigida pelo dr. **O. REINHARD**.

Na pharmácia **Hausmann** domina a indústria allemã, quasi completamente; na Antiga Pharmácia de **DAVOS** domina a indústria inglêsa; e, apesar da Allemanha estar mais perto de **DAVOS** do que a Inglaterra, não sei porque os preços nos dois estabelecimentos estam na razão inversa das distâncias; afóra isso, o dr. **O. REINHARD** está sempre no seu laboratório e raro será o frequentador da pharmácia, que consiga pôr-lhe a vista; o illustre pharmaceutico está totalmente absorvido na manipulação das drogas, para a confeição das quais emprega só puríssimos productos inglêses, aos quais voto uma clara sympathia.

Estes motivos imperam sempre em mim quando aconselho os meus doentes a que, em **DAVOS**, se forneçam de preferéncia da Antiga Pharmácia de **Davos** — **Alte Davoser Apotheke**.

\*

Como disse, nestas pharmácias há bons laboratórios; e uma dellas, a Hausmann, encarrega-se até dalguns exames clínicos, por exemplo, da expectoração.

Em Davos, alguns doentes, sem nisso haver inconveniente, querem conhecer a riqueza dos seus escarros; ou porque desejem communicá-la a qualquer pessoa de familia, ou porque desejem informar o médico que os trata no seu país, depois dalguns menses de demora em Davos, ou por qualquer outro motivo.

Em geral, o doente de Davos não tem dúvidas acerca da sua doença; sabe bem pelo que foi para lá, e aquella massa enorme de população doente sabe também que não é vergonha nenhuma ser-se tuberculoso. Sabe que muita gente o é, que ha quem diga que quasi toda a gente o é, sabe que tuberculosa tem sido muita gente illustre e que ser-se tuberculoso não é caso para aterrar ninguem, que possa tratar-se.

Por isso nenhum médico de Davos esconde aos doentes a presença ou ausência de parasitas de KOCH nos escarros, e até a quantidade dada na escala GÄPFKY da qual se faz uso em Davos, sem todavia se lhe conceder importância superior á que realmente possuê. Ordinariamente, na segunda visita, o médico sendo interrogado acerca da expectoração, relata logo tudo que viu. Mas, passados alguns menses, pode o doente querer saber como vam os escarros, para o communicar ou por outra razão e para isso tem

em Davos quem lhe dê o resultado dum exame desenvolvido delles pelo preço módico de 5 francos.

Pode, como disse, mandar fazer esse serviço na pharmácia Hausmann, mas, se quizer recorrer a um analysta, dos que ha em Davos, procede talvez mais assizadamente.

Para isso tem ao seu dispôr os gabinetes do sr. M. CRAANDIJK, ou do dr. PAULUS, ou do dr. C. SCHILBACH; nos gabinetes destes senhores faz-se qualquer anályse clínica, sendo as mais frequentes, como é natural, as dos escarros.

Alóra estes gabinetes ha ainda outros, que quási estou a separar dos mencionados, mas que realmente prestam os mesmos serviços que elles; se mais alguma coisa fazem nada têm com isso, por agora, os doentes.

Refiro-me aos gabinetes do dr. CARL SPENGLER e ao de ARTHUR COPPEN JONES.

O dr. CARL SPENGLER trabalhou durante alguns annos em Berlin, com o professor KOCH. Seguindo a frequéncia do laboratório do grande mestre allemão, depois de ter colhido uma educação clínica completa, recolheu-se a Davos e aí continuou a cultivar a microbiologia da tuberculose com dedicada energia.

Nos baixos do recolhimento das Diaconêsas installou um laboratório, e aí pessoalmente investiga e dirige investigações das

mais interessantes, quiçá das mais importantes, em matéria de tuberculose. Trabalha ali permanentemente um funcionário inglês, vindo a DAVOS de propósito para isso: o gabinete faz análises para o público, mas, o que sôbre tudo analysa, sam outros problemas da mais ampla magnitude.

A minha inconfidência não pode esmiuçar a descripção; mas o gabinete, bem montado, sem luxo, mas com o que é preciso, pode ainda um dia lançar luz a jorros no mundo.

CARL SPENGLER dirá o que se lhe offerecer quando o julgar opportuno, e nós depois o criticaremos; apesar de tudo, sempre julgo poder dizer que actualmente talvez ande ali entre mãos esta coisa simplez: avaliar, com tanto rigor quanto um alemão sabe pôr naquillo em que trabalha dedicadamente, a Acção Physiológica da tuberculina residual, e vêr como será preciso modificá-la para que ella seja um remédio na perfeita accepção do termo; esse serviço é apaixonadamente praticado por um homem... que possuê alguns milhõis. E elle que me perdoê a indispcrição.

\*

ARTHUR COPPEN JONES é um inglês ainda novo, de trinta e tal annos. A sua mocidade foi uma radiosa série de triúmphos académicos, e entre os problemas scientificos, que mais o apaixonavam, COPPEN JONES deu á tuberculose um logar culminante.

Consagrou-se-lhe; e quando começava a trabalhar e a aproveitar o seu merecimento nesse sentido, — COPPEN JONES seria positivamente uma força no movimento científico do seu tempo — a tuberculose attingiu-o e começou a devorá-lo com encarniçado ardôr.

Parece que adivinhou o inimigo terrível, que em si havia de ter, e quis esmagá-lo antes de elle poder terçar as suas armas.

No comêço da sua carreira, COPPEN JONES viu-se um dia, em Londres, cheio de cavernas.

Partiu para DAVOS e lançou-se aí a fazer a sua cura; procedeu como entendeu e commetteu verdadeiras loucuras; algumas vezes beijou as raízes dos abetos dos despenhadeiros de Clavadel, com o seu tobbogang a percutir-lhe o corpo; feriu-se, fracturou-se, melhorou, peorou e afinal emendou-se.

Hoje, sem ter ainda quarenta annos, parece um patriarcha de barbas loiras. Depois dalguns annos de solavancos na evolução da sua moléstia, COPPEN JONES entrou francamente em via de cura; todavia, pôsto resida ha dez annos em DAVOS, não está curado ainda.

Para quem fôsse supersticioso, este caso viria juntar-se a tantos outros, que todos os médicos apontam, de serem os homens que mais estudam a tuberculose, os que muitas vezes sam attingidos por ella.

Parece uma singular ironia do Destino, que quer dar ao estudioso um exemplar de observação em si mêsmo...

COPPEN JONES, depois de calgado e recomposto, recommençou o seu estudo do parasita da tuberculose; e no pequenino laboratório installado na villa Michel, da Estrada Central, onde o microbiologista vive, elle tem sabido vêr coisas ignoradas.

Hoje é convicção minha, que poucos homens haverá no mundo,

que tam bem como **COPPEN JONES** conheçam a biologia do terrível inimigo da humanidade.

Ali o tem observado, ali o tem isolado, ali o tem cultivado, ali o tem desenhado, ali o tem photographado e dali lançou ao mundo a noticia de que o parasita não era, o que **KOCH** descrevêra; o parasita não é um bacillo, como o professor allemão dissera e todos nós acreditáramos; o parasita é um mycélio, verdade nova e inesperada, que nunca ninguem contestou porque não tem que contestar; é uma verdade pura e nisso ficamos.

Muitas vezes observei esse mycélio em preparaçõis do bondoso trabalhador; no seu laboratório as preparaçõis demonstrativas contam-se por centenas e outro tanto succede a photographias d'ellas; para a actinomycose acontece o mesmo; de modo que a frequéncia do pequeno aposento da villa **Michel** é uma coisa preciosa...

Quem lá me introduziu foi o meu collega russo dr. **LEVENE**,— sympathia viva do meu coração —, que era um assíduo cavaqueador do laboratório: também era o único; depois appareci eu, e muita vez na pequenina sacada da villa, onde **COPPEN JONES** faz a sua cura, estes três homens, todos de barbas, se reuniram.

A sacada era tam pequena, que o **LEVENE** tinha de cavalgar a grade para cabermos; e ali, o parasita consumia as nossas attentõis longas e longas horas; cada um de seu país diverso, muita vez estivemos de accôrdo; mas muita vez também a desordem rompia, a nossa voz elevava-se e o parasita punha em perigo esta tríplice harmonia internacional.

Umaz vezes discutíamo-lo com a serena frieza da análise mais crua, com solemnidade até; mas sempre, pelo meio da phrase,

transparecia o ódio que lhe votávamos; outras cobriamo-lo de vitupérios, dos insultos mais agudos, que podíamos produzir; outras até o troçávamos, por desprezo...

Inolvidáveis conversas essas, em que um homem inglês ensinava, e dois outros, um português e um russo, apprendiam.

COPPEN JONES, porém, além das suas análises de estudo, faz análises para o público.

E a sua competência é tal que eu costumava ordenar aos meus doentes, que vam a Davos, que se utilizem do seu laboratório para as análises que desejem, porque ninguém hoje, em parte alguma, vê mais nem melhor do que elle a este respeito.

Um único inconveniente, que o conselho podia ter, deve ter desaparecido já; é que os resultados eram dados por COPPEN JONES até aqui, em inglês ou allemão, porque o illustre microbiologista não falava o francês; mas elle prometeu-me no inverno passado, que este anno já o falaria, *tant bien que mal*.

\*

Vê-se das considerações, que venho fazendo, que os doentes estão bem servidos em Davos; mas a enumeração dos recursos clínicos não está completa, porque em Davos ha ainda mais serviços a utilizar. De gabinetes deve indicar-se ainda o do sr. A. V. RZEWUSKI, porque esse gabinete é uma excellente instalação para investigações por meio dos raios Röntgen; uma estação como Davos não podia decerto dispensar esse novo

recurso da arte do diagnóstico; e ainda as coisas não ficam por aqui.

\*

Em Davos faz-se uma larga applicação da massagem e das fricções; o pessoal empregado para esse serviço desempenha-o a primôr e sem sêr por grande preço; para a prática da massagem os doentes têm á sua disposição os serviços dos srs. A. CLAVADETSCHER-SPRECHER, S. JACOBBER, P. SCHWARTZ e P. UMBRICHT; para as fricções podem aproveitar-se dêstes mesmos senhores e ainda do sr. FEHRLIN; ás damas, estes serviços sam dispensados pelas senhoras CLAVADETSCHER-SPRECHER e K. FILLI.

Costumo aconselhar os meus doentes a chamarem ou o sr. JACOBBER ou o sr. CLAVADETSCHER, e misturar o conselho com este outro: discutam sempre com elles o preço, um pouco alinhados, que com isso pouparám uns pequenos francos por mês; poucos é certo, mas no fim de muitos mêses estarám transformados em muitos: de 15 francos habituais podem conseguir passar a dez, por mês.

E, já que estamos em maré de conselhos, aqui deixo mais outro.

Em Davos é preciso medir cautelosamente a temperatura, logo á chegada, porque o médico o ordena; se não ha febre essa operação cessa, em geral, no fim duma semana.

Mais tarde, depois dum período que o médico fixa, repete-se essa medida; e lá uma vez ou outra sempre é bom vigiar.

Portanto, todo o doente em Davos tem de ter um thermó-

metro; a melhor coisa a fazer é levá-lo consigo, porque lhe ficará assim sempre mais barato; mas se quisér comprá-lo em **Davos** encontra lá esses instrumentos nas pharmácias e em muitos estabelecimentos; para tal hypóthese o meu conselho é que a compra deve fazer-se na Relojoaria do sr. **FR. BRUNNER**, na estrada central 76, junto á livraria **RICHTER**.

O conselho obedece a considerações de preço e de qualidade.

CAPÍTULO VI

As contraíndicações de Davos

TABLE

of Contents

## As contraíndicações de Davos

Não sei se o leitor faz bem em lêr este capítulo; estive quási resolvido a dar-lhe o conselho de o deixar em paz, sem lhe tocar, porque eu ás vezes sou mau, muito mau, dá-me para rallar e então ninguém me atura. Vou falar-lhe dos males que não cabem em Davos, e, se quer que lhe diga, começo a temer a linguagem bravía que tenta acudir-me aos bicos da penna. Que males poderám ser incompatíveis com esse logar eleito, que a neve vinda do céu tapeta, deixando a terra vestida como um anjo?

\*

Quando em tempo Davos começou a ser tido por paraiso dos pobres doentes, havia quem temesse a possibilidade do sangue lhes saltar dos pulmões como da ferida aberta duma lançada; quem fôsse a Davos, a juízo de muito sábio, corria o perigo de vêr jorrar o sangue vivo, desesperado, pela sua bôca sedenta; veiu o ALEXANDRE SPENGLER, e com pequeno trabalho de mera

estatística indiscutível, deixou os sábios attónitos e os doentes descansados; toda a gente foi para Davos e ninguem sentiu o gôsto do sangue quente; quem o tinha vertido, offegante, nas planícies da sua pátria, via-o sustar ali, por encanto, mal refrescava os pulmões doridos.

\*

Depois começou uma lenda nova, esta mais singular ainda, porque ninguem sabia dizer ao certo como se gerara; era o terrôr da febre maldita, que consome e corroi, que queima e devora; ai, no dizer dos sábios, do doente com febre que pusesse pé em Davos. Havia de vê-la subir, havia de vê-la manter e havia de vê-la extingui-lo, sem nada lhe valer.

Mas afinal de contas os clínicos de Davos começaram a dizer que não, que os sábios se enganavam, que os sábios falavam por ouvir dizer, que os sábios nada entendiam do caso e que os sábios causavam riso, mas riso fresco, sonoro, de gargalhada ampla e estrídula; sam o demónio estes clínicos de Davos, e têm uma falta de respeito pelos sábios, que chega a ser impertinente... mas, o que é certo, é que doentes com febre chegavam a Davos e esses doentes curavam-se. Lá apparecia depois a explicação, para a gente ficar tranquilla.

Pois essa febre, na grande maioria dos casos, o que é? A resultante da mistura incoherente, da camaradagem insólita, de muito parasita indigno com o parasita de KOCH; posta a sociedade em contacto com um ar frio e sêcco, absolutamente puro e são, que melhor agente conheciam os sábios para dissolver essa união malvada e esphacelar esse hybridismo pútrido? Os sábios

ficáram pasmados e enquanto parafusavam em subtilezas, a roer as unhas, lançavam olhares odientos sôbre as estatísticas cruas, que lhes deitavam abaixo as sabedorias, e lhes pulverizavam quanto disparate por esse mundo disseram... Imagine o leitor a cara delles ao verem, por exemplo, notícias como esta: um cliente meu esteve em **Davos** com febre, mais dum anno; pois tanto teimou que a pôs fóra, á maldita; também tem sido um homem.

Adoeceu em princípios de 1895; logo em outubro dêsse anno foi para **Davos** e ali esteve todo o resto do anno, todo o anno de 96 e os cinco primeiros mêses de 97; melhorou notavelmente dos seus pulmões, ambos affectados nos vertices, e pôs a febre na rua; entretanto não parou e em outubro de 97 lá voltou em busca do ar salvador; respirou-o até maio dêste anno e transferiu-se logo, depois duma pequena viagem na Allemanha, para a nossa Serra da Estrella, que deixou a 19 de setembro para estar em **Davos** nos princípios de outubro; as suas lesões cicatrizam lindamente e dentro em pouco estará são; se se tem fiado nos sábios e confessado mêdo á febre, talvez já estivesse morto —.

Não vá entretanto o leitor imaginar que eu mandaria para **Davos** todos os doentes com febre; ha mesmo doentes completamente apyréticos que por meu conselho nunca poriam pé nos **Grisões**: já lhe indiquei, num capitulo anterior, ao falar-lhe do sanatório **TURBAN**, quais as idéas a este respeito emitidas pelo seu sapientissimo director; e o leitor deve crêr que eu vou sempre de accôrdo, e para toda a parte, com o conselheiro **TURBAN**.

Evidentemente se me apparecer um doente a pedir instrucções sôbre **Davos**, com uma affecção cardíaca já sem compensação, ou com uma degenerescência ou atrophía do coração, ou com os

vasos cheios de atheroma, ou com os rins em estado de nephrite adeantada, ou com rheumatismo exacerbado e rebelde, ou com anemia perniciosa, ou com auras inconscientes de ser um epiléptico ou um hystérico, naturalmente trato de o dissuadir de pensar em montanhas e descarto-me delle o melhor que pudér; mas isso não sam doentes que tenham cabimento aquí, porque aquí ponderamos a acção do ar de DAVOS sôbre vias aéreas e nada mais; proceder doutro modo seria um contrasenso e uma presumpção, porque o leitor me devia ralhar com indiscutível direito; falo-lhe aquí dos doentes com febre de infecção mista activa, daquelles doentes em que ao parasita de KOCH se juntáram outros como o *streptococcus*, o *staphilococcus*, o *diplococcus* de FRÄNKEL, o bacillo de PFEIFFER, etc., e que por virtude dessa sociedade não anonyma mas sem responsabilidade nenhuma, soffrem duma febre aguda ou chónica, levantada ou modesta, mas enfim ou recidivante ou pèrsistente e tenaz; e o que tento é tirar-lhe do espirito o preconceito, por tantas vias canalizado, de que uma febre assim é incompativel com a atmosphaera de DAVOS; esse preconceito mau e ignorante deve saír das suas idéas e deve substituí-lo pela convicção de que nenhum remédio existe, entre os mais poderosos, que com tamanho exito lhe combata essa febre como o ar puríssimo de PLATZ; eu quero só que o leitor acredite que, como médico, ao computar a conveniência ou inconveniência dum doente ir a DAVOS, ao vêr se devo incluí-lo ou excluí-lo da classe dos meus doentes normais, quando analyzo o seu elemento febril, me guio sôbre tudo pela natureza da febre, pelo gráu e pela evolução das suas lesões pulmonares: procuro vêr se a febre é de infecção mista activa; procuro vêr se é antiga ou recente; procuro vêr se as suas lesões sam extensas; procuro vêr se a extensão se acompanha de adeantamento pronunciado na evolução

dellas; procuro vêr se essa evolução tem sido rápida e veloz, ou tarda e demorada; e se da combinação dèstes factores me sai só o producto — febre de infecção mista activa, recente, para lesões insignificantes ou vagarosamente progressivas—eu despacho o doente para Davos; no caso contrário, como ha pouco, digo-lhe mal das montanhas, digo-lhe que sam feias, digo-lhe que não prestam, digo-lhe que fazem mal, digo-lhe que só por degrêdo se supportam, e metto-o num tal cyclo de palavriado que elle despede-se de mim sem pensar mais em tal.

Mas só porque ha febre ir fazer ao ar de Davos a affronta de o repudiar, isso é que represento como um erro ignominioso e crasso, que infelizmente tem alastrado por essa velha Europa fóra, num triumpho impudente da maior e mais deslavada inconsciência clínica.

E não imagine o leitor que esta classificação é gratuita; não é, não, com tristeza lho digo, e os clínicos de Davos podiam testemunhar-lha amplamente; a falta de procura de correspondência entre a natureza da febre e a extensão e progressão das lesões dos doentes tem produzido muito desastre e feito commetter muito erro grosseiro.

Dos doentes que me foi dado observar e seguir em Davos, alguns fôram vîctimas desta ignorância. Note os dois seguintes, que eram doentes febrís.

Um appareceu em Davos no fim de novembro; febre alta, de 40°. Auscultado, todo o pulmão direito estava infiltrado, congestionado intensivamente, dando uma dyspnêa violenta; na expectoração as espécies mais extravagantes pullulavam.

Interrogado, contava que ha um anno começara a enfraquecer, ligeiramente, mas de modo que se fatigava com o trabalho; o doente tinha uma vida commercial activa; consultou aquí, àlém,

e ouvira sempre dizer que aquillo era fraqueza, coisa de nada. Foi estando. Ha 15 dias, porém, perdera completamente o appetite e começou a ter immensa febre. Os médicos viram-no e disseram-lhe que tinha um pulmão affectado. Perguntou — que fazer?

Aconselharám-lhe repouso, deixar o trabalho, tomar algumas drogas, que receitáram, e ir vendo. Mas que, se elle queria, *o melhor* era ir a **Vernet** ou a **Davos**.

Acceitou immediatamente e dentro de três dias partiu; gastara o tempo restante na viagem e ali estava agora, ás ordens, para o que servisse. Os mesmos conselheiros, que ha um anno lhe encontravam fraqueza, não admira que agora julgassem *o melhor* mandá-lo para **Davos**.

O dr. **LUCIUS SPENGLER**, que ouvia isto, olhava para mim cabisbaixo e — o que é bem peor — reprehensivo. Lá tivemos o homem 12 dias; as lesões caminhavam *tambour battant*; tudo aquillo fundia a olhos vistos e no fim dèsses 12 dias o homem estava convencido de que o seu temperamento se não dava com o ar excitante da montanha, que o clima frio lhe era ligeiramente prejudicial, que não peorava, é verdade, e até havia de melhorar, mas que melhoraria mais depressa num clima temperado e que por isso mais convinha talvez regressar a casa, a tratar-se com cuidado etc., a cantata do costume.

Escusado será dizer que a febre nunca em **Davos** o deixou e que oscillou sempre em volta dos infames quarenta grãos.

Outro, que parecia um joven flamengo, chegou a **Davos** logo no principio do inverno; já lá o encontrei. Febre, de queimar. Auscultado, era uma symphonia; havia lá de todas as notas e em todos os tons. As lesões invadiam todo o pulmão direito e o vértice esquerdo.

Apuradas melhor as contas, havia ainda o entretenimento

dumas ulceraçõizitas laryngeas, para matar o tempo com algumas cauterizações de ácido láctico. Vamos a inquirir o passado: ha menses tivera febre palustre; depois começara a vir tosse, uns escarritos, mas ía indo; o peor era a febre; essa é que nunca o deixou; como o doente estava carregado com uma tara hereditária enorme, auscultáram-no; não havia nada; mas sempre fizeram, por descargo de consciência, o exame da expectoração, e havia tudo. Pois sabe o leitor o que lhe aconteceu? Deram-lhe tuberculina — que era ainda a de segunda edição! —.

Escusa de estar a fazer cara de quem não acredita. Affirmo-lhe eu, que foi assim; e se visse o meu jornal, lá encontrava tudo explicado, com os nomes por extenso. Bem. A febre manteve-se sempre. A certa altura, o médico disse que *o melhor* era ir para DAVOS. E o doente foi. E morreu. Lá ficou. Toda esta história a ouvi eu, ao lado do Dr. LUCIUS SPENGLER, que olhava para mim muito sério, com uns olhos muito grandes e muito abertos, sem se trahir contudo; e eu, não sei porquê, baixava os meus...

Aí tem o leitor como em matéria de febre succedem coisas singulares: uns, encarniçados inimigos de DAVOS quando ha febre; outros, a mandarem os doentes para DAVOS a arder em febre; e todos a precisarem de ir outra vez frequentar os seus cursos para apprenderem a saber comparar as lesões com a febre e para arranjarem uns ouvidos differentes daquelles com que auscultam estes desgraçados.

E aí tem o leitor como os médicos que mandam tuberculosos febris para DAVOS me deram dois casos sinistros, ambos fatais, por os mandarem quando elles tinham passado o limite de doentes normais; mas, para que os não supponha únicos peccadores, eu vou dizer-lhe doutro, que é altamente instructivo:

Doente chegado a Davos em novembro. Percute-se. Um derrame enormissimo na pleura esquerda. Á direita bem. Estou junto da cama do pobre homem no momento em que LUCIUS SPENGLER faz a percursão; é a primeira visita d'elle e a primeira visita minha. Apenas percutido, LUCIUS SPENGLER guarda o plessímetro com um *Mein Gott, Mein Gott* encantador... e fômos embora. O doente nem tinha febre, nem inappetência; tinha dyspnêa provocada por aquelle enorme derrame.

Contava duma pleuresia que tivera ha mêses e que agora o mandáram para ali. Pois bem. Fizeram-se-lhes umas poucas de punecções — que podiam e deviam ser feitas em sua casa —, extrahiram-se-lhe muitos litros de líquido sero-purulento da pleura; viu-se-lhe sôbrevir um pneumothorax pouco depois e uma peritonite em seguida; assim partiu para a pátria distante, quasi sem ter pisado o sólo de Davos, tendo gasto alguns milhares de francos e havendo corrido o risco de não ter tido tempo de vir morrer a casa, deixando os que o conhecêram immersos na dôr mais desolada...

Já vê o leitor, que mesmo doentes sem febre existem, que nunca deveriam ir a Davos; e que com tanta lealdade lhe digo isto, quanta pús ha pouco ao mostrar-lhe que o inimigo febril não era de temer na generalidade dos casos.

\*

Um outro preconceito, que ainda existe, é o que diz respeito ás doenças de larynge; ha quem faça restricções ao clima de Davos, como o leitor viu acontecer com o conselheiro TURBAN,

quando as ulcerações laryngeas sejam extensas e graves; estou de accôrdo; mas para isso é necessário que a sensibilidade da larynge do doente para o frio seja máxima e que, portanto, elle se sinta mal, muito mal, com um frio médio, dalguns gráus apenas acima de zero. Aquí o caso é mais sério do que nas duas hypótheses anteriores e o leitor vai vêr como deve procurar-se-lhe a solução rasoavel.

Os sábios que se oppõem á remessa dos doentes de larynge para Davos sam de categoria differente daquelles com quem eu lidava ha pouco; nem eu posso referir-me a elles sem estar munido de toda a minha serenidade, nem lançaria estas considerações, se algum delles me lêsse, sem lhe deixar aquí o meu cartão com o mais sentido respeito.

O leitor encontrará o clima de Davos condemnado para os doentes de larynge nas obras profundas de THOMAS (1) e de HERYNG (2); e se conversar com SCHMIDT, em Frankfurth, não colhe delle, depressa, uma opinião formal; já vê que se eu depusesse aqui esse cartão, tinha apenas cumprido um honesto devêr.

Entretanto, nem a grandeza da sua prática eminente, nem a magnificência da sua sciência inexcedivel me entibiam, nem fazem estremecer a convicção opposta, que colhi em Davos; as águias miram o sol, mas a gente, se não pode fitar o astro-rei sem ter vertigens, pode entretanto olhar com firmeza admirativa mas serena o vôo rasgado dessas mesmas águias; e eu quero com

---

(1) *Ueber einige Punkte der Phthisiotherapie.*

(2) *Die Heilbarkeit der Laryxphthisie und ihre chirurgische Behandlung.*

toda a fidelidade dizer aqui ao leitor o que succede em **DAVOS**, sem deixar de observar ao mesmo tempo os caractéres que me parecem dominar a trajectória triumphante do vôo das águias altas-neiras.

A primeira impressão que o leitor colhe da prática dèsses mestres é que elles curam em proporções notaveis a tísica laryngea, com tratamento local; ou propriamente cirúrgico, raspando úlceras, ou cauterizante, duma maneira definitiva e assente, com o ácido lactico; se curam e em fortes proporções sem o auxilio do clima de **DAVOS**, é natural que o repudiem e prefiram um clima ameno e dôce. Mas o leitor deve notar também que, se o mesmo tratamento tópico fôr applicado em **DAVOS**, se obtém o mesmo successo, e, o que é mais notavel, se obtém com sensivel economia de tempo.

Creia o leitor que se procurar nã leitura daquelles livros rasões theóricas em que assente a contraíndicação, não as encontra; apenas nos resultados estatísticos se baseiam, e eis tudo; mas nós, que estamos fóra da contenda e observamos as coisas de longe, devemos verificar se esses resultados estatísticos levam vantagem aos de **DAVOS**; e, apurando que não, antes que **DAVOS** sai triumphante da comparação, a nossa conclusão natural e lógica é que apesar dessas opiniões não devemos condemnar o clima de **DAVOS**.

Por outro lado, em **Platz**, tam perdulário se é no tratamento cauterizante, quanto moderado no tratamento cirúrgico; procede-se bem? procede-se mal? Como as estatísticas de **DAVOS** sam triumphantes, *à priori* concluimos, que se faz bem; mas convencer-nos-hemos *à posteriori* se quisermos analyzar a questão mais a fundo.

Donde provém a úlcera tuberculosa da larynge?

E raciocinemos para a úlcera, última phase da evolução tuberculolaryngea, deixando em paz a infiltração e o tubérculo; ataquemos a questão no seu ponto crítico, porque daí as conclusões serão gerais.

Posto isto, de novo pergunto eu: donde provém a úlcera laryngea? Ou da infiltração do tecido pelo parasita, sem lesão mucosa inicial, porque elle transitou por via sanguínea ou lymphática, ou porque mesmo penetrou pela mucosa sem a ferir o que é possível positivamente, ou então porque primitivamente a expectoração ao passar pela mucosa, tantas vezes o fez, que a feriu por erosão, e assim se implantou o parasita de KOCH; quer dizer — a úlcera ou apparece por progressão do mal de dentro para fóra, ou por progressão da infecção de fóra para dentro do tecido.

Se se deu a segunda hypóthese, que faz uma raspagem? Chega ao tecido são, eliminando todo o tecido mórbido? Então deixa esse tecido são exposto á infecção do primeiro escarro que o doente elimine; disto não ha sair. Se se deu a primeira hypóthese, que faz a raspagem? Chega a profundidade bastante para eliminar todo o tecido doente? Reaímos na consequência da primeira. Attinge apenas parte da espessura do tecido infectado? Então é insufficiente; daqui também não ha sair; portanto, a raspagem é sempre arriscada, porque póde ser inutil e expõe a um grande perigo.

Estou convencido de que qualquer dos grandes mestres allemães não seria capaz de deslindar esta conclusão. É certo que pode conceber-se a falta de expectoração, e então a questão muda de face; pode conceber-se e pode affirmar-se; mas é um facto tam extraordinário, que tendo eu percorrido um jornal com mais de seiscentos casos de tuberculose laryngea (643), apenas encontrei *um* em que a larynge foi primitivamente affectada e

nunca a doença se complicou com tuberculose pulmonar (1). A observação nenhum valor teria, portanto, e com esta proporção desapareceria rápida.

Por isso, em Davos, o tratamento cirúrgico tem-se limitado cada vez mais e hoje póde dizer-se que elle é francamente excepcional; e, todavia, as estatísticas são melhores do que nenhuma.

O leitor deve ainda attender ao seguinte:

O modo geral, normal, da geração da tísica laryngea é o que lhe expús acima em segundo logar. É a expectoração dos tuberculosos pulmonares, que a determina; se essa expectoração tiver espécies associadas, mais facil será a erosão; logo o doente que trate a sua tuberculose pulmonar na planície, mais risco corre de ter tísica laryngea; logo todo o tísico pulmonar, — se fôr meu doente normal, — deve fugir para a montanha. Mas, sê a tuberculose laryngea existir já, onde correrá menos risco?

No meio duma atmosphera pura, onde as associações caem apressadas, ou numa atmosphera semeada onde as associações pullulam? As suas feridas laryngeas curarã mais depressa, sendo lubrificadas por escarros com número diminuto de espécies ou por escarros a que todos os dias quási uma espécie nova vem juntar-se? O ar mais conveniente para estar em contacto com essas úlceras, é um ar puro, sem mácula, ou um ar cheio de todas as podridões e de todos os parasitas? Se o leitor se dignar responder com serenidade, eu espero tranquillo a sua resposta.

Mas quero fazer-lhe vêr ainda outro motivo, que impéra no

---

(1) É muito curiosa a circumstância seguinte: em todo o meu estudo sôbre tuberculose da larynge, encontrei tambem apenas *um* caso, em que as lesões se limitavam exclusivamente á epiglote.

meu espírito para não accusar, antes defender o clima de Davos a respeito da larynge: a tuberculose de larynge é sempre — 643 casos para um, conforme viu, — consecutiva á tuberculose pulmonar; se o doente reccar tratar-se na montanha, o que será feito dessa sua tuberculose pulmonar? Diga o leitor, que eu dou pela sua resposta.

Afóra estas condições theóricas, porém, eu renovo-lhe a suggestão dos factos, que pelo seu número é concludente; em Davos o número de tuberculosos de larynge curados é crescente e um protesto incontradictavel contra a opinião dalguns thysio-therapeutas eminentes, que lhe citei. Podia aquí fornecer-lhe uma larga estatística, mesmo comparativa, que havia de afastar-lhe a menor sombra de dúvida, se quisesse; todavia não o faço e deixe-me o leitor calar as razões por que procedo assim; talvez, porém, um dia lhas forneça, em trabalho de maior fôlego; previno-o já, contudo, que algumas das observações a enumerar seriam as mesmas que DERSCHEID já publicou em Bruxellas; hoje já elle também as poderia ampliar, mas certamente não o fará; a seu tempo falaremos e tanto eu como elle sabemos por que nos calamos.

Fique entretanto o leitor sciente de que, *só se um frio médio fizer muito mal ao doente*, é que elle deve hesitar na sua viagem; de resto, quanto peor tiver a garganta tanto mais depressa deve partir. E, para curiosidade, dou-lhe aquí o resumo succinto do estado dum cliente meu, que, apesar de ter a larynge doente, nenhum mêdo tem á montanha, e que está rodeado de circunstâncias que o tornam o único caso, que eu posso agora referir; também, como eu o estimo muito, não me admira que assim succeda:

Adoeceu em 1895; conforme á regra não tinha nada; mas, passados mêses, depois de iniciado o mal, tinha umas pequenas coisas no pulmão direito; partiu para Davos a 4 de outubro

dêsse anno e o **LUCIUS SPENGLER** encontrou-lhe, a chegada, uma caverna á direita, no lóbulo superior; essa caverna tem vindo cicatrizando bem, mas ha pouco apparecêram infecções recentes no vértice; á esquerda o vértice tem, ha pouco também, um ponto de interrogação no eschêma; este conjunto todavia nada inquiêta o doente, que está excellente e em perfeita via de cura. Para isso tem elle pugnado com ardôr. Chegou a **Davos**, como disse, em outubro de 1895; em novembro, quasi aphónico de repente, appareceu com lesões laryngeas, que por muito que elle arregale os olhos a vêr se lhe digo aqui quais sam, não ha de sabê-lo. **LUCIUS SPENGLER** applica-lhe, duas vezes por semana, cauterizações com ácido láctico de 20 a 40 0/0, e em abril de 96 manda-o para Gersau, no lago dos 4 cantões; está ai cinco semanas e no fim dellas volta a **Davos**, para começar o uso de cauterizações, já só uma vez por semana, até ao principio do inverno; a esta altura **DERSCHEID** faz-lhe insuflações diárias de zinco-iodol, mas amortece-se no ácido láctico, que passa de 10 a 20 0/0 numa cauterização semanal ou bi-semanal. O doente melhora depressa notavelmente, melhora que foi verificada pelo conselheiro **TURBAN**. Regressa a Portugal em abril de 1897 e segue para a Serra da Estrella em maio do mesmo anno; fica aí até ao fim de setembro, sem fazer tratamento algum; volta a **Davos** em outubro, tendo antes feito verificar a sua notavel melhora pelo professor **HUGUENIN**, de Zürieh, que todos os meus doentes, que vam a **Davos**, consultam á ida e á volta. Em novembro apparece-lhe uma pharyngite granulosa intensa, cujas granulações fôram queimadas com galvano-punctura; é então que me cai nas mãos; melhora rápidamente e volta a Portugal em maio, seguindo rápido para a Serra da Estrella, caminhando bem para a cura.

Ai tem o leitor um homem que tem sabido lutar e que por isso mêsmo ha de vencer. Se adoecer, faça como elle e verá como me agradece (1).

\*

E por aquí fecho as consideraçõis, que lhe queria fazer sôbre os dois problemas, que podem offerecer dúvidas reais e sérias a respeito duma viagem a Davos; como viu, em ambos elles fui favoravel a Platz, quando as coisas saibam discernir-se; e tenho bons desejos de que o leitor ficasse convencido da verdade que lhe proclamei; esses dois problemas é que sam os mais notaveis, que os doentes podem offerecer; de resto, as cantatas sobre rins, coração e nervos etc., é música celestial, a que o leitor deve dar attenção moderada; a menos que não seja apreciador de novidades como esta: — não serám enviados para a montanha

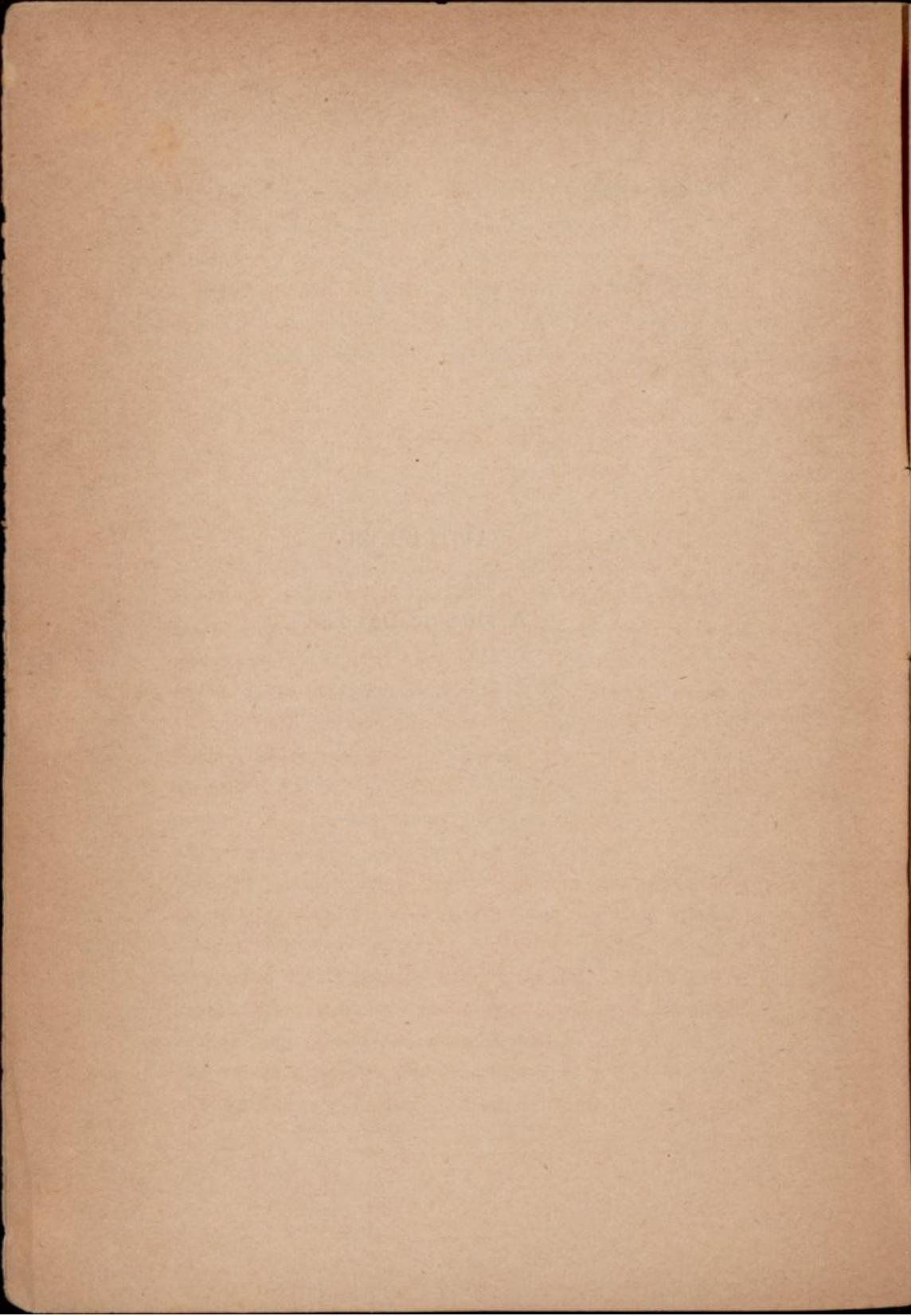
---

(1) Hoje em Davos o tratamento seguido para com a larynge d'êste doente é o applicado a todos. As cauterizaçõis fazem-se com ácido láctico, em concentração gradualmente crescente, de 20 a 60 e 80<sup>o</sup> ou mêsmo até chegar ao ácido puro; cada cauterização é precedida duma lavagem da lesão com soluto de cocaína a 40<sup>o</sup>; no intervallo das cauterizaçõis, para amortecer a dôr laryngea, praticam-se insuflaçõis de orthofórmio, com êxito seguro. O zinco-iodol, a 30 ou 50<sup>o</sup>, tem-se mostrado systemáticamente efficaç em todas as lesõis granulosas, nas congestõis diffusas das cordas vocais ou dos ventrículos e nas pachydermias da parede posterior; applica-se facilmente com o aparelho de SCHMIDT.

tysicos manifestamente perdidos,— que um tal REGNARD p' rai impingiu, num livro muito grosso, de sábio encartado. Que grande descoberta fez o homem! Só lhe faltou dizer que se deviam mandar para o cemitério; assim ficava perfeito; mas naturalmente deixou isso á sagacidade dos leitores, que por esse mundo fóra o lêram, meditáram, digeríram e admiráram. . .

CAPÍTULO VII

A vida de Davos



## A vida de Davos

Em DAVOS vive-se com a mais completa e confortavel das commodidades; melhor até do que em algumas grandes cidades; os recursos para possuir uma vida galante sam innumeraveis e sem dúvida uma habilidosa diligência tem presidido á organização daquella estação sanitária para lhe dar condiçõis de ser ao mesmo tempo um logar de cura e um logar de luxo benéfico.

Todos os días os doentes têm, á hora do seu passcio, música para ouvir, alegre e bõa; em días alternados, têm theatro por uma companhia allemã, que representa em geral as melhores comédias do repertório tudêscio; algumas colónias têm *clubs*, como a inglêsa e germánica, e estes têm bibliothecas. Um doente em DAVOS pode instruir-se magnificamente; se não pode utilizar os livros de nenhuma destas associaçõis lá tem á sua disposição a livraria HUGO RÍCHTER: 10.000 volumes, 3.000 francêses e 7.000 allemães, contendo tudo que ha de melhor nas litteraturas antigas e modernas, primorosamente enumeradas num catálogo illustrado e grátis; por um franco por semana o doente pode escolher dali um volume diário, enquanto estiver em DAVOS.

E melhor é fazer isso, seguramente, do que pertencer a *clubs*; atrás do uso vem o abuso e o *club* é inimigo de temer; o mesmo se deve dizer do *theatro*, abusando; a sala onde se representa é do *Curhaus*; é opulenta e primorosamente ventilada; uma vez por outra pode ser visitada, mas continuamente também não é de bom aviso.

Dos divertimentos de *Davos*, porém, os *sports* de inverno levam a palma a tudo; as colónias inglesa e allemã são enormes e essa gente tem o *sport* na massa do sangue; se fôrem prégar juízo e cautelas a um doente inglês, elle ouve tudo recolhido, attento, decidido e enérgico; despedimo-nos delle com a convicção de que vamos ter ali um rico cliente docil, paciente, que levará a cura a sério; pois dali a cinco minutos, se a gente se encontra com elle num sítio onde se patine, onde haja *Tobbogang* ou outra coisa *sportiva*, vê-o precipitar-se para a lucta sem nada haver que o retenha; pode a gente ir agarrá-lo por um braço, que elle se desenhencilhará; e, mettido na *course*, seja ella do que fôr, puxa por si quanto Deus permitta; poderá ficar estropiado no meio da contenda; poderá chegar a casa e ter uma *hemoptysis* que o leve; elle de nada quer saber: apparecendo o *sport* perde a cabeça e atira-se p'rali, com todos os diabos, succeda o que succeder.

O allemão, mais manhoso, já se modera um pouco; mas tem ainda muito sangue buliçoso e também prevarica lindamente.

Com gente assim não admira que o *sport* de inverno se desenvolva largamente em *Davos*; por outro lado, o local presta-se como nenhum para esta perdição; não ha logar nenhum do mundo onde possa patinar-se mais de seis, oito ou dez dias no anno e isso sob um céu brumoso, com ventania horrivel e sempre com o risco de ir ao fundo; em *Davos* não succede assim: em

pleno campo ha o *Eisbahn*, onde se patina á vontade de manhã até á noite, todos os dias, durante menses seguidos, sob um sol deslumbrante, numa atmosphera serenissima e numa convivência encantadora; o *Eisbahn* tem 20.000 metros quadrados de superficie; cabem lá centenas de pessoas correndo ao mesmo tempo, numa alegria doidivas, trocando dictos e gracejos, chalaças e ironias; uma hora passada no *Eisbahn* de Davos é sempre uma hora de prazer, de encanto fino e raro; lá, como em parte nenhuma, a gente pode dizer que *Hilares mox sani*.

Porque Davos dispõi dessa arena immensa, sempre primorosamente tratada, a Davos affluem todos os grandes patinadores do mundo; lá os vi vindos do norte, das cidades da Suécia; os melhores patinadores da Rússia jámais faltaram aos grandes torneios; no inverno passado viéram dois de New-York, um dos quais se sabia ser o primeiro campeão do mundo: em verdade bateu *records* que ninguem mais aguentou; os exercicios de patinação sam em Davos um divertimento predilecto e inoffensivo; os doentes podem usá-lo sem excessos, é claro, tendo cuidado contudo na aprendizagem, se lhes faltar essa prenda; podem então dar algumas quedas, que têm graça, mas ás vezes, fazem partir um braço, — já vi —, o que não tem graça nenhuma.

Sabendo muito bem daquillo, então sim senhor, podem correr á vontade; e se acharem o *Eisbahn* pequeno tem lá mais acima o lago de Dörfli, onde podem mostrar quanto valem.

Outro tanto lhes não digo, se o mau exemplo os tentar, a propósito do *Curling* ou do *Hoky*; devem abster-se disso; quer um quer outro sam dois divertimentos violentos, bons para fazer mal a quem tem saúde; fóra disso exigem uma sciência tam profunda da patinagem, que só com immenso tempo se chega a poder lutar; eu vi, sôbre tudo no *Hoky*, trambulhões famosos

dados por alguns dos melhores patinadores ; e do **Curling** alguns saíam de lá ás vezes bem cansados ; pôrtanto, esses dois — deixá-los-ham os meus doentes.

Um *Sport* que o leitor encontra em **Davos** por todos os cantos é o **Schlitten**; toda a gente tem o seu trenóxito, toda a gente faz **Tobbogang** ou **Luge**, como o leitor quisér.

As criancitas de 4 a 5 annos correm já naquillo, que voam ; e as velhotas mais respeitaveis descem também gravemente, muito erectas, o seu bocado.

O **Schlitten** é, por assim dizer, um *Sport* popular, que se democratizou e a respeito do qual se pode affirmar, como na canção, *que não ha ninguém que não peque*. Porquê? Porque é facillimo, sendo-se prudente ; porque é cómodo e simplez e porque é deliciosissimo ; de **Laret** a **Klösters**, na rica estrada onde se fazem as grandes corridas internacionais, chega-se a percorrer 3000 metros em 5 a 6 minutos, transpostos no attrito mais dôce que possa imaginar-se ; calcule o leitor como será bom ir a gente sentado, quasi a voar, por uma estrada abaixo, sem empregar o minimo esforço ; tem de attender apenas á direcção do **Schlitten**, nas curvas, e aí é que bate o ponto ; se o não fizer em termos, vòa pela tangente e depois verá se pode compôr alguma coisa do que quebrou.

Entretanto, creia que aprende isso num instante, em uma hora ou duas, e que pode depois experimentar uma das melhores sensações da vida, totalmente inoffensiva, se se não exceder.

Sem ter feito a sua aprendizagem é que não deve expôr-se, por arrôjo imprudente, aos asares da sorte. Um dos doentes por mim observados corria uma vez comigo da **Poststrass** para o **Landwasser**, a meio do caminho de **Frauenkirch**, no ponto onde se toma para **Clavadel**; o lençol de neve aí é immenso, a in-

clinação suave; não ha melhor, para passar tempo; pois uma falta de attenção deu em resultado ao doente adquirir uma velocidade excessiva; quis acudir-lhe e não pôde e a consequência foi dar uma quêda de peito terrivel; peito e rosto batêram na neve em cheio, como se batessem num grandioso e fantástico campo de sal; a neve enterrou-se-lhe na face, o doente teve dôres immediatas cruciantes; teve uma vertigem e deu-me sérios cuidados; perto havia apenas uma casa e foi uma boa mulherzita della que me ajudou, com algum vinho generoso promptamente offerecido, a reanimar o rapaz.

O incidente não teve consequências; o doente nenhum aggravamento soffreu na sua lesão — uma ligeira infiltração do vértice direito — e seguiu a sua cura regularmente, estando hoje completamente curado; mas, se elle tivesse tido uma *poussée* aborrecida, eu não me admirava, tal foi a violencia do choque.

Por isto eu costumo aconselhar os meus doentes, a que aprendam bem, primeiro, o que é facillimo; e depois atirem-se para cima do *Schlitten*, sentados ou deitados, e deixem-se ir, que a Providência vai com a gente.

Em Davos ha ainda um outro *Sport*, o *Ski* [leia Chi], que também pode tentar. É util, não ha dúvida, mas é para fazer caminho, não para divertir. Foi por meio do *Ski* que ainda ha pouco NANSSEN atravessou a Groelândia e pôde attingir a terra de Francisco José depois de ter deixado o *Fram*; mas eu prohibo esse exercicio aos meus doentes terminantemente; quem fizer *Ski*, sendo cliente meu, é despedido.

Como o leitor vê, em *Platz*, os doentes, querendo divertir-se, têm onde e como; pode juntar ainda uma excellente carreira de tiro; e pode acrescentar mais umas certas práticas de jogatina occulta, ás vezes, lá por uns quartitos fechados, que mereciam

todos os castigos do céu, e todas as penas do inferno; ajunte ainda essa mesma endrômina, ás escâncaras, descaradamente, á tarde, no restaurante, com meninos que perdem os seus 5, 6, 8000 francos, e veja se vai fazendo idéa da vida de Davos.

Devo dizer-lhe, porém, que á gente dêste jaez, que faz destas partidas assim, ao *baccarat*, ao *bluff* e ás vezes a outra coisa muito nossa nacional, eu costume chamar nomes asquerosos; sam em geral bons rapazes, isso não ha dúvida, e primorosos; mas aquella amargura de os vêr a jogar ficava-me sempre atravessada na gargânta; e por isso doente meu, que vá a Davos, e que se metta a jogar, já sabe que me dá um grande desgôsto, que, francamente, não lhe mereço.

Jogar por jogar então jogue logo em grande; em Davos tem um Banco — o Banco de Davos — que tem relaçoís com todos os grandes estabelecimentos bancários do mundo; o doente, que vá a Davos, leve o dinheiro em ordem sôbre qualquer grande estabelecimento de alta banca, que encontre no caminho, porque todos lho transferem facillimamente para o Banco de Davos; neste pode comprar e vender todos os papéis de crédito do mundo — mas não appareça lá com notas portugûêsas, que naturalmente põem-no na rua —, como se operasse numa bolsa; o banco dá-lhe diàriamente as suas cotaçoís e sôbre ellas pode fazer todas as combinaçoís; se quer jogar então aí, porque ao menos isso já tem fóros de seriedade; agora estar a pôr o *luis* em cima do valete, que de mais a mais é uma carta repellente, não cáia nessa, por favor lho peço.

Se tiver essa tentação, lembre-se da sua doença, lembre-se que pode morrer, lembre-se do céu e faça uma oração a Nosso Senhor; em Davos não lhe faltam magníficas installaçoís para isso.

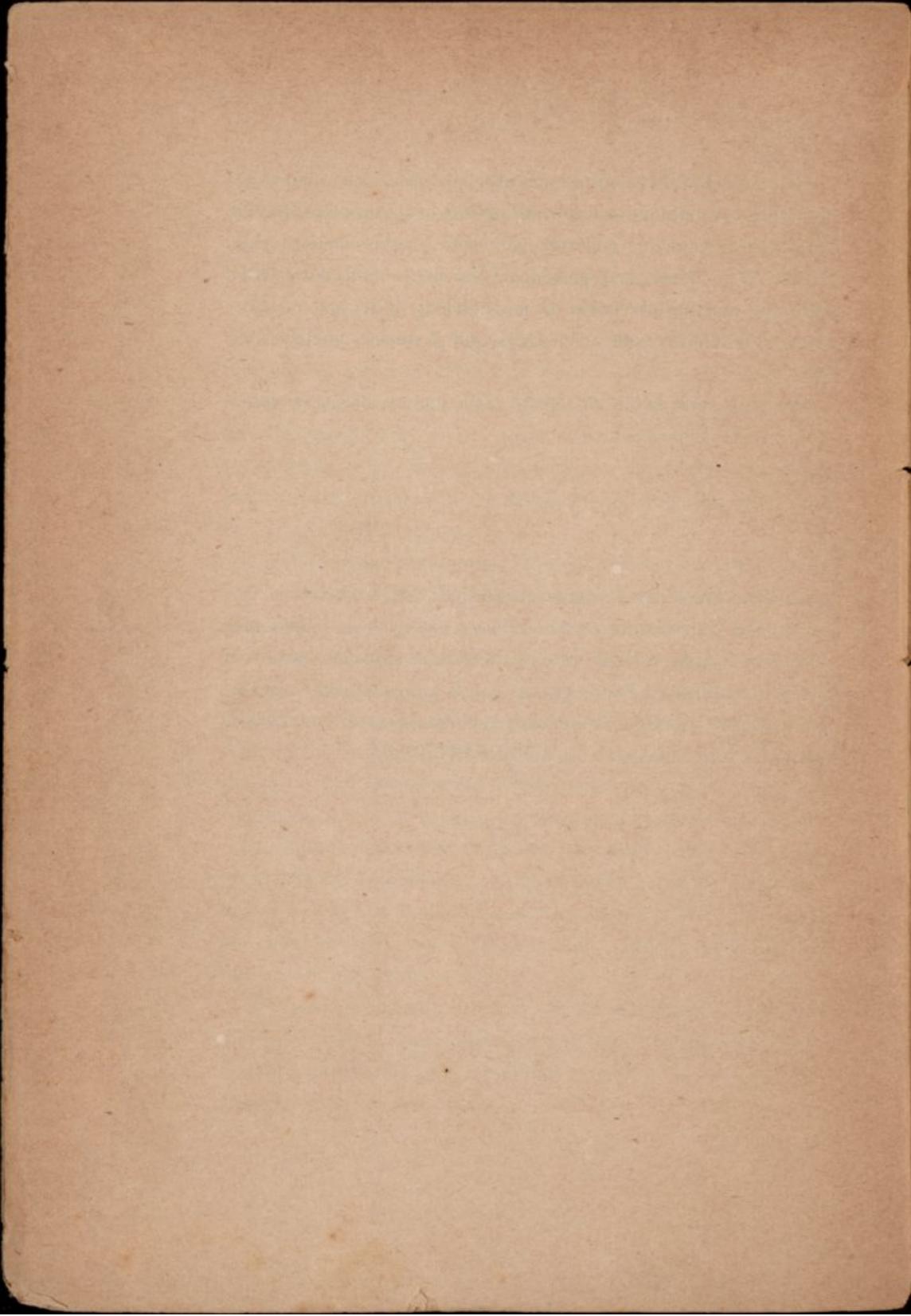
Se fôr cathólico lá tem igrejas cathólicas, duas nada menos ; se fôr anglicano, lutherano ou calvinista lá tem onde recorrer; Davcs nisso foi previdente e generoso para com os seus doentes, dando-lhes fé conforme seu paladar ; e fez nisso muitíssimo bem, para que nenhum carecesse da possibilidade de ir, quando quisesse, communicar com o seu Deus, que é ainda o melhor médico . . .

Portanto, se o leitor for doente meu, em vez de jogar, rese.

\*

Está no fim o livro. Páginas descóradas, estas. Queria encerrá-las com palavras de íntimo affecto; mas não as tenho; não sei dizê-las; todas as que me lembram sam ridiculas, para exprimir o que sinto. Talvez que só pondo aquí o coração, eu sanciasse o meu desejo. Se pudesse experimentava e, com toda a minha ternura, mostrava-o a **LUCIUS SPENGLER**.

---



# ÍNDICE

PRÓLOGO .....	Pag. IX
---------------	---------

## CAPÍTULO I

### Davos

#### SUMMÁRIO :

Proémio .....	1
O valle de Davos e as suas povoações.....	5
A protecção contra os ventos; as montanhas, que a effectnam...	9
Os caractéres gerais do tempo de Davos .....	16
Os valles visinhos do de Davos: Flüelapass, Dischma, Sertig	20
Clavadel: a altitude, o sol, a temperatura, o fumo, o vento....	25
O sol em Davos; a intensidade calorifica dos raios solares.....	30
As ascensões em Davos; Gemsjäger e Schatzalp; as temper- raturas da atmosphera de Davos.....	34
A humidade em Davos; relativa; absoluta.....	39
A pressão atmosphérica; a precipitação atmosphérica .....	44

## CAPÍTULO II

### A viagem para Davos

#### SUMMÁRIO :

A linha férrea Chur-Davos; Landquart, Klösters. O chasse- neige.....	53
Ligações de Landquart com o norte, este e oeste da Europa ..	55

	Pag.
A viagem para os doentes portugueses; as parágens. Os hotéis de Klösters.....	56
Viagem terrestre; viagem marítima; o <i>Sud-Express</i> ; os comboys ordinários. Os cuidados a ter em vista. Por Bordeus, Paris e Bâle. O preço.....	58
A viagem por Lyon e Genebra.....	62
A viagem por Vigo-La Rochelle.....	64
A viagem por Lisbôa-Havre.....	ib.
A viagem por Lisbôa-Hamburgo.....	65
A viagem por Lisbôa-Génova.....	66

## CAPÍTULO III

Os hotéis de **Davos**

## SUMMÁRIO :

As construcções; as galerias; a medida da temperatura.....	69
A superalimentação; a conservação dos víveres; o systema francês; o systema allemão; a <i>Milchhalle</i> .....	70
O fumo, a luz eléctrica; o aquecimento a vapor; os quartos do sul; o <i>Curhaus</i> ; a hygiene.....	73
A lista dos hotéis; indicações gerais; exemplificação do perigo das ascensões; a conveniência dos hotéis pequenos.....	76
O número de estrangeiros em Davos; a sua distribuição; o papel da colónia portuguesa; o phenomeno das crises; a accumulção.....	83
O preço da estação para 5 meses; totalidade da despêza.....	88

## CAPÍTULO IV

Os Sanatórios de **Davos**

## SUMMÁRIO :

I. — O sanatório <b>TURBAN</b> ; o edificio; as installações gerais; a lotação; o aquecimento; a ventilação; a illuminação.....	93
A hydrotherapia; a alimentação; o serviço de mesa; relações da superalimentação com a dilatação de estomago; as estatísticas.....	96

	Pag.
A cura de ar e repouso; a disciplina; as idéas de <b>TURBAN</b> ; as distraçõs .....	99
Os doentes regeitados; a commodidade para os admittidos.....	101
As condiçõs financeiras; os extraordinários.....	103
II. — O sanatório <b>Friedericianum</b> .....	104
III. — O sanatório das raparigas.....	105
IV. — O sanatório de <b>Schatzalp</b> .....	106

## CAPITULO V

Os recursos clinicos de **Davos**

## SUMMÁRIO:

A visita médica; o regimen; a distribuição do tempo.....	111
Os doentes chegados em estado de saúde precária; os cuidados dos hoteleiros; a enfermagem; as irmãs de caridade: <b>Diaconésas</b> , <b>Anglicanas</b> , <b>Cathólicas</b> ; a necessidade duma companhia .....	114
Os doentes antigos: visitas annuaes de <b>Davos</b> , proprietários em <b>Davos</b> .....	116
O Doente Normal; os seus caractéres.....	117
Os médicos de <b>Davos</b> .....	118
As pharmácias .....	121
Os analystas: <b>CARL SPENGLER</b> e a tuberculina; <b>COPPEN JONES</b> e o mycélio da tuberculose .....	124
A radioscopia; massagem e fricçõs; os thermómetros .....	128

## CAPÍTULO VI

As contraindicaçõs de **Davos**

## SUMMÁRIO:

As falsas idéas sôbre as hemoptyses .....	133
A febre; a gravidade do problema; a ignorância reinante a seu respeito; casos clinicos.....	134
A tuberculose laryngéa; as idéas de <b>THOMAS</b> , <b>HERYNG</b> , <b>SCHMIDT</b> ; as minhas; resultados numéricos; raspagens e cauterisaçõs; ácido láctico; um caso clinico; o orthofórmio e o zinco-iodol .....	140

## CAPÍTULO VII

## A vida de Davos

## SUMMÁRIO :

Pag.

As commodidades ; as distraçõis ; a música, o theatro, os clubs, as bibliothecas. O <i>sport</i> de inverno. O inglés. O <i>Eisbahn</i> e os seus perigos. O <i>Curling</i> . O <i>Hoky</i> . O <i>Schlitten</i> ; os cuidados na aprendizagem. O <i>Sky</i> . A carreira de tiro . . . . .	151
O jôgo. O Banco de Davos. As egrejas. Final . . . . .	155

